

Dr. Roger Green, Reforma até o presente, Aula 25, Existencialismo

© 2024 Roger Green e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Roger Green em seu curso de história da igreja, Reforma até o presente. Esta é a sessão 25 sobre Existencialismo.

Certo, esta é a palestra número 13. Então, o que estamos vendo agora são desenvolvimentos teológicos de Dietrich Bonhoeffer até o presente. Não é realmente de Dietrich Bonhoeffer até o presente. É apenas um título atraente. Então é só para isso que tenho isso.

Então, desenvolvimentos teológicos, vamos apenas tentar entrar no mundo em que vivemos. Então, isso me leva alguns dias, hoje e sexta-feira, e talvez eu precise usar um deles. Temos um dia de aula restante. Lembre-se, quando retornarmos, vamos assistir a um vídeo de dois dias de Dietrich Bonhoeffer.

E então temos uma sexta e uma quarta, e estaremos nos preparando para o exame. Então, ficaremos bem. Estamos mais ou menos onde deveríamos estar.

Então, ok, aqui estão os desenvolvimentos teológicos de Dietrich Bonhoeffer até o presente. E vamos começar com o existencialismo. Tudo bem.

E você pode ver que faremos representantes, características básicas, pontos fortes e críticas do existencialismo. Então é onde estamos. Estou na página 15 do programa.

Tudo bem, então vamos começar com o existencialismo. Bem, curiosamente, o existencialismo começa com a vida e o ministério de um cristão, de um crente. E seu nome é Soren Kierkegaard.

Agora, você sem dúvida teve Kierkegaard de outros cursos, certo? Você teve Kierkegaard em outros cursos. Então você falou sobre ele em outros cursos. Então, Soren Kierkegaard.

Muito, muito interessante. Observe as datas de Kierkegaard. Bem, por enquanto, se eu puder fazer isso.

Aqui vamos nós. Acontece que estou na Dinamarca neste verão, visitando amigos. E chegamos à Dinamarca.

E com certeza, chegamos ao 200º aniversário do nascimento de Soren Kierkegaard. E porque ele estava tão conectado com Copenhague e era uma parte tão grande

daquela vida e de tudo, aqui está este livro, um pequeno livro que peguei em uma das exposições. Há muitas exposições de Kierkegaard por toda a cidade de Copenhague.

Mas este pequeno livro, Kierkegaard in Golden Age Copenhagen, tem uma Introdução Concisa e Pictórica. E muito, muito interessante estar em Copenhague durante este 200º aniversário de Kierkegaard. Mas aqui estava Kierkegaard.

Nós chamaríamos Kierkegaard de existencialista cristão. Um existencialista cristão. Então, há um sentido em que o existencialismo começou com Kierkegaard.

Porque, como um existencialista cristão, existencialismo vem da palavra, você sabe, existência, e assim por diante. Como um existencialista cristão, Kierkegaard sabia que havia limites para a razão humana. E lembre-se, ele está lidando. Aqui está ele no meio do século 19 quando ele está vivo.

E então há limites para a razão humana. O coração, a emoção, a pessoa e a pessoa inteira têm que lidar com dilemas e problemas humanos. E então um cristão que é existencialista é um tipo de fazer isso.

Reconhecendo os limites da razão humana, lidando com os problemas humanos, fatores humanos em nossas vidas, e assim por diante. Se há algo que você leu sobre Kierkegaard, pode ter sido medo e tremor. Então, apenas isso, essas duas palavras no título do livro, medo e tremor, dão a você uma ideia do que Kierkegaard estava tentando lidar em sua própria vida pessoal.

Estamos na página 15, Ruth, e estamos apenas fazendo desenvolvimentos teológicos, sabe, até o presente. E estamos começando com Soren Kierkegaard. Então, Kierkegaard, como representante, eu disse que haverá representantes aqui.

E como representante, comecei com ele porque ele foi o agitador que fez essa coisa acontecer. Agora, só por um minuto para seguir isso historicamente, Kierkegaard era um existencialista cristão, mas o existencialismo chegando ao século XX se divorciou de suas raízes cristãs. Então o existencialismo chegando ao século XX não era necessariamente cristão, enquanto o próprio Kierkegaard era.

Então, queremos apenas tomar nota disso. Certo, então essa é uma pessoa em termos de personalidades que queremos notar. Em termos de representantes, acho que estamos chamando-os do que queremos notar.

Certo, uma segunda pessoa é um estudioso do Novo Testamento chamado Rudolf Bultmann. E você já se deparou com Bultmann em outros cursos por acaso? Você falou sobre Bultmann? Mas para Rudolf Bultmann, o que ele fez como um estudioso do Novo Testamento foi abordar o Novo Testamento por meio da hermenêutica

existencialista. Então, ele vai interpretar o Novo Testamento meio que existencialmente.

Ele se tornou um estudioso do Novo Testamento muito conhecido e muito influente. Mas aqui vai um exemplo para Bultmann. Para Bultmann, a definição de pecado para ele era uma existência inautêntica.

Então, para Bultmann, o pecado é uma existência inautêntica. Você não está vivendo o tipo de existência que Deus pretendia que você vivesse. E isso é uma espécie de nova reviravolta no pecado.

Esse é um tipo de novo entendimento do pecado. Ele está usando um tipo de categorias existencialistas para definir o pecado e a existência inautêntica. Então, para ele, a salvação é uma existência redimida.

Então, salvação é sua existência sendo redimida por Deus, sendo feita o que sempre foi pretendido ser, e se afastando da inautenticidade e encontrando uma existência redimida completa. Então agora, qual é a única coisa que você sabe sobre Bultmann? Se você ouvir a palavra Bultmann, há alguma palavra que você associa a Rudolf Bultmann? Bem, a palavra pode ser desmitologização, tirando o mito do Novo Testamento. Então, por exemplo, para Bultmann, a ressurreição é um mito.

É um mito importante, mas é um mito. E então, para Bultmann, a ressurreição não era sobre um corpo saindo de um túmulo, mas era sobre uma fé pascal entrando na vida dos discípulos de Jesus. Então, novamente, essa é uma forma meio existencialista de olhar para as escrituras, olhar para o Novo Testamento.

Então, não se trata de Jesus ressuscitando dos mortos. Trata-se de recebermos uma fé pascal em nossas vidas e, portanto, viver o tipo de existência redimida que deveríamos viver. Então, Rudolf Bultmann, o que ele vai fazer é pegar as categorias de pessoas como Kierkegaard e aplicá-las ao Novo Testamento.

Então, ele será a segunda pessoa que gostaríamos de mencionar. E a terceira pessoa que gostaríamos de mencionar é Paul Tillich. O que Paul Tillich fez foi pegar categorias existencialistas e aplicá-las à teologia.

Então, enquanto Bultmann os aplicava aos estudos do Novo Testamento, Tillich os aplicava à teologia. Tillich realmente acreditava que se a teologia fosse ser o que ele chamava de teologia salvadora, ela deveria falar sobre a situação das pessoas no mundo moderno. Você pode ver quando Tillich viveu.

Então, deveria falar dos dilemas das pessoas no mundo moderno. Deveria falar dos problemas do mundo moderno se a teologia for uma teologia salvadora. Então, os

grandes problemas que enfrentamos na vida, disse Tillich, são problemas de falta de sentido, ou desespero, ou ansiedade.

Todos esses são problemas que colocam em questão nosso próprio ser e nossa própria existência. E então, a única maneira de você meio que lidar com essa falta de sentido, desespero, ansiedade, categorias muito existencialistas, a única maneira de lidar com isso é entender quem Deus é. E, portanto, você entenderá quem você é.

Então, não sei se você estudou Tillich em algum dos cursos de filosofia, mas ele tem uma definição que é interessante para entender quem é Deus e que Deus é o fundamento do nosso ser. Deus é o fundamento do nosso ser. Porque o que nos ameaça na vida para Tillich é o não-ser.

É isso que realmente nos ameaça. Mas Deus vem, e ele é o fundamento do nosso ser. Então, ele nos dá, Deus nos dá uma existência autêntica então.

Deus dá autenticidade à nossa existência. Então, Tillich é uma pessoa interessante. Conforme Tillich seguia em frente em sua própria vida, ele não estava comprometido somente com o cristianismo.

Ele era um teólogo cristão. Na verdade, ouvi Tillich quando estava na Temple University. Ele veio à Temple University para falar, e então ouvi o grande Paul Tillich.

Tão interessante ouvi-lo falar. Mas Tillich, e você podia dizer isso mesmo quando eu o ouvia, Tillich fez uma transição em termos de todas as religiões serem quase igualmente dignas de Tillich. Ele falhou em ver em sua própria vida a singularidade do cristianismo, a singularidade de quem Jesus era em Deus, e assim por diante.

E então, ele era uma pessoa para quem todas as religiões pareciam responder às mesmas perguntas. Todos nós temos as mesmas perguntas. Toda a humanidade tem as mesmas perguntas, e todas as religiões podem respondê-las à sua maneira.

Então esse é Paul Tillich. Mas ele vai interpretar a teologia existencialmente. Ele vai usar categorias existencialistas para interpretar a teologia.

Então, os três primeiros jogadores que eu mencionaria aqui seriam Kierkegaard, depois Bultmann no Novo Testamento e depois Tillich na teologia. Então isso só dá a vocês um tipo de representação aí. Deixe-me ir para o número dois, algumas características básicas do existencialismo e do movimento do existencialismo.

Então, daremos alguns pontos fortes e algumas críticas. Ok, uma característica do existencialismo, como você pode perceber apenas pela piada e pergunta no existencialismo, mas uma característica é a centralidade dos seres humanos. Este é um movimento muito antropocêntrico em certo sentido.

Não era isso com Kierkegaard originalmente, mas certamente se tornou isso. E está preocupado com o quê? Não está preocupado com a natureza de Deus necessariamente ou que isso entre nisso, mas está preocupado com minha falta de sentido e meu desespero e minha ansiedade e assim por diante. Então, a centralidade do homem é muito altamente subjetiva e antropocêntrica.

Em segundo lugar, uma segunda característica do existencialismo é o que eu chamo de obscuridade de Deus. Agora, dessa forma, se você vai chamar Deus de base do seu ser, isso soa como o Deus do Antigo Testamento ou do Novo Testamento? Não soa para mim. Não é a linguagem do Antigo Testamento ou do Novo Testamento.

É um tipo de linguagem filosófica. Então, não é de se espantar que os existencialistas tivessem um Deus obscuro, um Deus que eles não conseguiam entender, um Deus que eles não conseguiam entender, porque era assim que eles pensavam sobre Deus como o fundamento do nosso ser. O que eu gosto de fazer quando falo sobre a compreensão deles de Deus é compará-lo e contrastá-lo com o liberalismo e a neo-ortodoxia.

Liberalismo, Deus se tornou iminente. No liberalismo protestante, Deus desceu meio que entre nós. Você podia ver Deus nos processos da sociedade, por exemplo, e cultura e isso.

Mas para o liberalismo, Deus desceu até nós. Para a neo-ortodoxia, Deus está acima de nós. Eles enfatizam a transcendência de Deus, não a iminência de Deus, mas a transcendência de Deus.

E esse Deus transcendente traz julgamento sobre o mundo. Então, é um contraste interessante. O existencialismo tem um Deus obscuro.

O liberalismo enfatiza a iminência de Deus. E a neo-ortodoxia enfatizou a transcendência de Deus, a alteridade de Deus. Então, você obtém vários tipos de aspectos de Deus.

Eu diria que biblicamente, o aspecto mais bíblico de Deus é, claro, o entendimento ortodoxo de que Deus é transcendente, como totalmente outro. Entendemos que a transcendência, no entanto, está diante dessa palavra se tornando carne na pessoa de Jesus Cristo. Mas eu diria que os existencialistas realmente têm esse Deus obscuro.

Ok, número três, um terceiro tipo de característica ou característica do existencialismo, seria o que eu chamaria de inevitabilidade da ansiedade. Quanto à maneira como vivemos nossas vidas neste mundo, vivemos nossas vidas inevitavelmente em um estado de ansiedade. E se você tem um Deus que é obscuro,

que você não pode conhecer, que você não pode compreender, que você não pode entender, talvez isso vá levar à sua ansiedade.

E certamente aconteceu. Eventualmente, os existencialistas simplesmente se livraram do problema de Deus completamente, basicamente, e apenas viveram com esse tipo de ansiedade no mundo moderno. Certo, e o quarto tipo de característica do existencialismo é qual é o objetivo do existencialismo.

E o objetivo do existencialismo é a existência autêntica. É isso que buscamos. É isso que queremos.

Mas há uma espécie de ironia aqui porque um existencialista bíblico como Kierkegaard diria que a existência autêntica só pode vir em sua compreensão de Deus e Cristo e assim por diante. Mas quando você chega a um existencialismo que abandonou Deus, é como se você estivesse andando em círculos. Como você vai encontrar essa existência autêntica? Bem, você não vai.

Quer dizer, esse é o problema, não é? Então isso te leva de volta à ansiedade e ao desespero e assim por diante. Agora, eu só acho que no mundo de hoje, na vida universitária de hoje, falamos muito sobre pós-modernismo, e isso é meio que a coisa do momento, e isso é meio que a palavra final e tudo mais. Quando eu fui para a universidade, porém, o existencialismo era muito discutido e falado, e assim por diante.

E nós estávamos lendo pessoas como Kafka, Franz Kafka. E eu não sei se algum de vocês leu Franz Kafka. É uma leitura muito interessante.

Você vai ficar um pouco deprimido quando ler, porque é literatura existencialista. Ou você leu Sartre? Se você leu Sartre ou viu algumas das peças de Sartre. Então, nos meus dias de universidade, nós líamos essas pessoas.

Quer dizer, isso era meio que parte do núcleo comum, ler esses existencialistas. Então, eu meio que cresci com isso, de certa forma. No entanto, como cristão, senti que poderia ter algo a dizer sobre tudo isso.

Mas essas são algumas características básicas do existencialismo. Agora, a primeira característica é a centralidade dos seres humanos. É altamente antropocêntrico.

É sobre mim, meu desespero, minha ansiedade, minha vida sem sentido. É tudo sobre mim. Então, havia esse tipo de sabor antropocêntrico no existencialismo.

Não com Kierkegaard, mas com pessoas seguindo Kierkegaard. Existem alguns pontos fortes do existencialismo. E eu gostaria de mencionar alguns deles.

Eu mesmo aprendi com o existencialismo. Adoro ler Kierkegaard. Mas leio pessoas como Kafka e Sartre e outros.

Há algo a ser aprendido com isso. Então, deixe-me mencionar algo que pode ser aprendido. Mas vamos dar algumas críticas básicas também.

Certo. Uma coisa que pode ser aprendida é que a verdade é tanto externamente experimentada, é objetiva, mas os existencialistas nos lembram que a verdade também é internamente experimentada. Sua própria experiência, seu próprio coração, seu próprio tipo de senso interno podem ajudá-lo a entender a verdade também.

Você aprende verdades olhando para dentro. O existencialismo nos ensinou isso. Acho que essa é uma lição do existencialismo.

O que eu quero fazer é quando, você sabe, no ensino de teologia, queremos ver a verdade tanto externa, que é objetiva, quanto interna e subjetiva também. Não queremos uma ou outra, mas queremos ambas. A força do existencialismo é que ele enfatiza que a verdade é uma experiência interna.

Certo. Uma segunda força que acho que escrevi é o reconhecimento de que as pessoas são únicas, que as pessoas são meio que únicas, e elas não podem ser levadas a algum tipo de nível objetivo. Você não pode levar as pessoas a algum tipo de nível objetivo onde você pode analisá-las objetivamente como se elas não tivessem esse tipo de singularidade.

Você provavelmente está familiarizado com outros cursos com Martin Buber, e Martin Buber falou sobre uma distinção no relacionamento entre um relacionamento eu-isso. Se você tem um relacionamento eu-isso com Deus ou com pessoas, você objetificou essas pessoas. E em vez de um relacionamento eu-isso com Deus ou com pessoas, o relacionamento deveria ser um relacionamento eu-o quê, um relacionamento eu-tu.

Seu relacionamento com Deus e com seus semelhantes deve ser um relacionamento eu-tu. E em um relacionamento eu-tu, isso mostra que você não objetificou essas pessoas, mas você as leva para o lado pessoal, você as leva a sério, e assim por diante. Então, Martin Buber aparece, e ele, é claro, viveu durante esse tempo, mas Martin Buber aparece e meio que nos lembra que não deveríamos objetificar as pessoas, sem dúvida sobre isso.

Uma terceira coisa que eu acho que é útil do existencialismo é que podemos aprender que temos que ser honestos. Muitas pessoas em nosso mundo acham difícil acreditar em Deus, acham difícil acreditar em Deus, e acham até impossível acreditar em Deus. Não há dúvidas sobre isso.

E quando eles olham para a igreja, eles veem pessoas na igreja que estão adorando, entre aspas, mas estão adorando apenas por hábito. Eles não têm muito a nos ensinar sobre Deus. Então, eu acho que isso é algo que aprendi com o existencialismo, que a crença em Deus, para muitas pessoas, é difícil.

É difícil. Não é fácil. E acho que podemos dizer que isso é provavelmente uma espécie de força.

Uma quarta coisa que podemos aprender com o existencialismo é a disposição de encarar os problemas da vida. Vá em frente, Hope. O reconhecimento de que as pessoas acham difícil acreditar em Deus.

Sim, esse era existencialismo. Uma coisa que ele nos ensinou é que muitas pessoas acham muito, muito difícil acreditar em Deus. E mesmo quando olham para as pessoas na igreja, se são de fora e olham para as pessoas na igreja, olham para as pessoas na igreja, e dizem que as pessoas estão adorando apenas por hábito.

Eles não têm nenhuma crença ou fé profunda em Deus ou entendimento sobre Deus. Eles estão fazendo isso por hábito, e eu não quero fazer parte disso. Então as pessoas acham difícil acreditar em Deus, e não deveríamos ficar surpresos com isso.

Como cristãos, devemos encarar essa realidade. Isso ajuda? E então outra coisa é uma disposição real de encarar a morte. No existencialismo, a morte é uma realidade.

É algo com o qual todos nós temos que lidar. Se Cristo não voltar, todos nós vamos morrer. Nenhum de nós vai sair vivo disso.

Odeio dizer isso a você, Hannah — nossa, bem antes do Dia de Ação de Graças, do Natal e tudo mais. Mas se Cristo não voltar, nenhum de nós vai sair vivo disso.

Talvez não queiramos pensar sobre isso. Os existencialistas pensaram muito sobre isso. Foi uma das coisas que levaram à falta de sentido, desespero, ansiedade e assim por diante.

Agora, como cristãos, respondemos isso por meio da doutrina da ressurreição, é claro, e da ressurreição de Cristo e da nossa ressurreição. Mas, no entanto, eles estão dispostos a encarar a morte. É algo com que as pessoas devem lidar.

E então, finalmente, o que vejo como uma força no existencialismo é um reconhecimento de que muitas pessoas vivem vidas superficiais, ocas e sem sentido. É apenas um reconhecimento da realidade humana da vida. O existencialismo meio que nos lembra que muitas pessoas não estão vivendo vidas muito autênticas.

E o existencialismo é um lembrete disso. Então, havia alguns pontos fortes no existencialismo, mas há algumas críticas, número quatro. Então, eu quero mencionar as críticas ao movimento.

Acho que o primeiro que já mencionamos é que, em última análise, o existencialismo que cresceu depois de Kierkegaard era um humanismo, era uma forma de humanismo. Isso tem a ver com aquela visão antropocêntrica do existencialismo. Mas precisamos de uma teologia com Deus como o centro, Deus em Cristo como o centro, ministrado pelo Espírito Santo.

Não precisamos de uma teologia conosco como centro. Não somos o centro da história. Deus é o centro da história.

E eu acho que o existencialismo esqueceu disso. Então essa é uma crítica que eu faria ao existencialismo. Em segundo lugar, o existencialismo frequentemente falha em entender a verdadeira natureza das pessoas.

Porque o existencialismo olha para as pessoas de diferentes perspectivas. É olhar para as pessoas, e você entra em todos esses problemas de falta de sentido e desespero e ansiedade e tudo mais. É olhar para as pessoas da nossa perspectiva.

Em vez disso, a questão não é quem somos da nossa própria perspectiva, mas quem somos da perspectiva de Deus. Quem somos nós da perspectiva do nosso criador? E eu acho que o existencialismo esqueceu disso. Então, você não começa conosco; você começa com Deus, e então você entende a nós mesmos e assim por diante.

Mas essa é uma segunda coisa que eu acho problemática. A terceira coisa problemática é que o existencialismo não fala sobre pecado. Ele não quer nada a ver com o pecado original, que eu acho que é uma doutrina bíblica.

Não quer nada a ver com o pecado real das pessoas de rebelião contra Deus e assim por diante. E então, portanto, o existencialismo, eles não conseguiram entender a doutrina de Barth sobre o triunfo da graça. Porque se você não tem uma doutrina forte do pecado, você não terá uma doutrina forte da graça.

É somente quando você entende a própria natureza do pecado que você pode entender a natureza da graça de Deus. Então, isso se torna problemático para o existencialismo. E então, finalmente, está a visão deles da Bíblia.

Começaríamos com Bultmann e diríamos que não achamos que a Bíblia precisa ser desmitologizada. Então, começaríamos com sua hermenêutica. Mas diríamos então que muitos existencialistas simplesmente ignoram a Bíblia.

A Bíblia, eles sentem, não pode ajudá-los de forma alguma. Então, em vez de ver a Bíblia como o centro da vida, eles veem a Bíblia nas margens da vida. E ironicamente, isso os leva a um desespero ainda maior porque eles estão tentando responder às perguntas da vida de si mesmos, de seu próprio mundo, e assim por diante.

Então, eu acho que a visão deles da Bíblia é problemática. Certo, então o existencialismo e algumas pessoas aqui nos ajudaram a entender isso. Kierkegaard é especialmente importante.

Se você for ler qualquer coisa de qualquer uma dessas pessoas, eu começaria com Kierkegaard porque ele lida com isso, mas lida dentro de um contexto cristão. Certo, algum existencialista aí? Quer falar sobre existencialismo? Você está lendo Kafka e Sartre e todas essas coisas boas? Ou eu deveria dizer todas essas coisas interessantes. Certo, o número dois é ecumenismo.

Ecumenismo. Primeiro de tudo, o que faremos com ecumenismo tem a ver com a unidade da igreja. Ok, então o movimento ecumênico ou ecumenismo.

O que vou fazer primeiro é olhar para as razões pelas quais o protestantismo foi dividido e, em seguida, um reconhecimento crescente do protestantismo e como o protestantismo foi institucionalizado em termos desse ecumenismo. Aqueles de vocês que ouviram um dos artigos, agora eu esqueci exatamente qual era, mas, de qualquer forma, um dos artigos tratou do ecumenismo durante o tempo protestante. Foi o último artigo de, sim, o último artigo tratou de todo o movimento ecumênico.

Ele era muito; o orador era muito envolvido com ecumenismo, o movimento ecumênico, e assim por diante. Certo, então, primeiro de tudo, com ecumenismo, e ecumenismo tem a ver primeiro com protestantismo. Ele vai então alcançar o catolicismo e a ortodoxia, mas o movimento ecumênico começou com um protestante dividido tentando entender a si mesmo.

Certo, quais são as razões para um protestantismo dividido? Tenho quatro razões pelas quais o protestantismo se viu dividido no início do século XX. Certo, a número um é teológica. Teologicamente, houve um protestantismo dividido por causa da divisão teológica, teológica, uma divisão de divisões teológicas.

Alguns protestantes acreditavam nisso; alguns protestantes acreditavam naquilo, e assim por diante. O que descobrimos foi que meio que descobrimos que, do começo ao meio do século XX, essas coisas teológicas sobre as quais falamos estão nos dividindo, e isso está se tornando problemático. E algumas das divisões teológicas, diríamos, eram menores do que outras divisões teológicas.

Então, a primeira razão para o protestantismo dividido foi teológica, e não há dúvidas sobre isso. A número dois é social. Uma segunda razão para a divisão do

protestantismo foi o que chamamos de divisões sociais, que podem ser tudo, desde nacionalismo, de uma espécie de igreja nacional até igrejas protestantes nacionais, por um lado, como a Igreja Anglicana na Inglaterra, ou pode haver divisões sociais sobre certas questões éticas.

E então, o protestantismo estava seriamente dividido neste país em meados do século XIX sobre a questão da escravidão. Então, pode haver muitas questões sociais, havia muitas questões sociais que dividiam o protestantismo. A questão da escravidão é um exemplo perfeito em nosso país porque alguns protestantes eram pró-escravidão, e alguns protestantes eram antiescravidão.

Então isso causou uma grande divisão. Certo, número três, a terceira razão para a divisão é econômica. Há protestantes ricos e há protestantes pobres.

E essa divisão entre os ricos e os pobres, certamente os protestantes começaram a dizer a si mesmos, espere um minuto, isso está nos dividindo. Deveríamos ser capazes de nos unir, mas não estamos. E por que não estamos? Bem, parte disso era econômico.

Certo, e então, finalmente, parte da razão para o protestantismo dividido foi o individualismo — uma ênfase em mim, que entra no século XX. Sabe, chega de falar de mim, vamos falar de mim.

Com esse individualismo e privatização, e não foram apenas os protestantes, obviamente, mas a privatização no mundo ocidental causou uma divisão no protestantismo. E o protestantismo se viu muito dividido e decidiu que precisávamos fazer algo sobre isso. O que podemos fazer sobre isso? Como podemos nos unir? Ok, então vamos descobrir agora como os protestantes tentaram se unificar nesse movimento chamado Movimento Ecumênico.

Como eles tentaram fazer isso? Como eles tentaram se unir? Deus os abençoe. Deus os abençoe. Então, ok, a primeira coisa que os protestantes começaram a dizer, e eu pretendia pegar minha Bíblia, mas não peguei, mas por favor, anote, Efésios 4, 4 a 6. Efésios 4, 4 a 6. A primeira coisa que os protestantes começaram a dizer quando começaram a se reunir, eles começaram a dizer, espere um minuto, Efésios 4, 4 a 6 pede unidade.

O que acontece com muitos protestantes na diversidade no início do século XX é que deve haver unidade centrada em Jesus Cristo. Quaisquer que sejam as fraturas que tivemos, quaisquer que sejam os problemas que tivemos, quaisquer que sejam as divisões que tivemos, temos que repensar isso à luz de Efésios 4, 4 a 6 e a unidade que é centrada em Jesus Cristo. Então, estou feliz em dizer que o movimento ecumênico começou como um movimento teológico entre os protestantes.

Começou com os protestantes começando a pensar teologicamente. Agora, isso não foi uma negação da diversidade. Não foi uma negação de que talvez até mesmo denominações sejam boas de se ter dentro dos protestantes.

Mas estava dizendo que tem que haver algum tipo de unidade que é construída sobre algo maior do que nós mesmos e eles encontraram essa unidade em Efésios 4:4 a 6. Não estou dizendo que o movimento ecumênico foi capaz de reter essa visão teológica, mas estou dizendo que no começo do movimento, foi a teologia que uniu os protestantes. Então foi assim que tudo começou. Ok, então outra coisa que devemos tomar nota em termos desse crescente reconhecimento da unidade, a necessidade de unidade, isso começou em grande parte com missionários, por missionários.

Como os missionários estavam no campo e trabalhando no campo no século 19, eles perceberam que talvez estivéssemos mais interessados em fazer batistas do que cristãos. Talvez estivéssemos mais interessados em fazer presbiterianos do que cristãos. Talvez estivéssemos mais interessados em fazer congregacionalistas do que cristãos.

A consciência missionária ajudou a impulsionar o movimento ecumênico, e dizemos que nossa primeira prioridade é levar as pessoas a Cristo. Como tudo isso funciona denominacionalmente é outra questão. Então, o que eles fizeram foi ter uma grande conferência em Edimburgo em 1910 chamada Conferência Missionária Mundial.

Então, a Conferência Missionária Mundial, a Conferência de Edimburgo, 1910, reuniu muitas dessas pessoas, e o líder daquela conferência era uma pessoa muito importante no movimento missionário do século XX. Seu nome era John Mott. Agora, John Mott estava especialmente interessado em ser o líder desta Conferência Missionária Mundial em Edimburgo porque ele era especialmente interessante porque era um leigo.

Ele era um leigo metodista. Ele não era um pregador. Ele não era um ministro ordenado ou algo assim.

E ele não tinha sido um missionário. Ele apoiou missões, mas ele não tinha sido um missionário. John Mott foi colocado no comando da primeira Conferência Missionária Mundial em Edimburgo em 1910.

Tínhamos um professor no Gordon College, agora aposentado, um professor de história, o Professor Askew, que havia feito muita pesquisa sobre esta Conferência Missionária Mundial e a conhecia muito bem. E então, John Mott reúne essas pessoas, e ele preside esta conferência, e essas pessoas percebem que o protestantismo está meio que em apuros, e nós temos que consertá-lo. E então,

desse tipo de movimento missionário, surge esta Conferência Missionária, e então ela segue adiante.

Outra coisa em termos de reconhecimento crescente é que precisamos de unidade, e isso é por causa dos problemas sociais no mundo e do crescente secularismo no mundo, que está dizendo aos protestantes que precisamos nos unir para enfrentar esses problemas. Seremos capazes de enfrentar os problemas sociais, e seremos capazes de enfrentar a secularização melhor como um movimento, como um grupo de pessoas, e como o corpo de Cristo do que se apenas tentarmos enfrentar esses problemas individualmente dentro de nossas próprias denominações ou dentro de nossos próprios grupos. Isso os uniu, também, enfrentando a cultura, o mundo, os problemas sociais e a secularização. Vamos fazer isso com uma única voz, se possível, e seguir em frente a partir daí.

E então isso foi muito, muito importante. Certo, e então uma última coisa, tipo de reconhecimento crescente da necessidade, e esse foi o impacto da Segunda Guerra Mundial, porque o movimento ecumênico realmente meio que surgiu institucionalmente depois da Segunda Guerra Mundial. Mas o que os cristãos ao redor do mundo enfrentaram na Segunda Guerra Mundial foram tiranias, e Dietrich Bonhoeffer enfrentou isso, e nós mencionaremos isso mais tarde, especialmente Dietrich Bonhoeffer enfrentou essas tiranias.

E a questão é, as tiranias dos nazistas, a tirania de Hitler, você quer enfrentar isso sozinho, ou é melhor para o protestantismo dar uma voz unida contra as tiranias do mundo? Então, a Segunda Guerra Mundial e suas consequências tiveram um impacto tremendo no movimento, que seria chamado de movimento ecumênico, à medida que avançava. Não há dúvida sobre isso. Agora, deixe-me mencionar a institucionalização de tudo isso. Como tudo isso finalmente foi institucionalizado? Uma data muito importante no curso, e é 1948.

Certo, em 1948, um grupo chamado World Council of Churches foi formado. 1948, World Council of Churches. Era protestante para começar.

Não é que eles não acolhessem católicos ou ortodoxos, mas eles queriam colocar a própria casa em ordem primeiro. Então, o Conselho Mundial de Igrejas foi formado em Amsterdã em 1948 como um grupo protestante. O que aconteceu foi que para institucionalizar tudo isso, em 1950, o Conselho Nacional de Igrejas começou a ser formado.

E um dos primeiros foi formado aqui na América, o National Council of Churches. Formado em 1950. Agora, diremos que o World Council of Churches e o National Council of Churches foram formados com intenções teológicas muito boas quando foram moldados, quando foram formados e quando nasceram.

E eles eram bíblicos, eles eram centrais, eles eram bíblicos, e a formação era bíblica e teológica, eu diria. Vou dar uma experiência pessoal em apenas um minuto, mas o problema básico agora com o Conselho Mundial de Igrejas e o Conselho Nacional de Igrejas é que eles se esqueceram de suas lealdades bíblicas. O Conselho Mundial de Igrejas e o Conselho Nacional de Igrejas não operam a partir de uma autoridade bíblica muito clara agora.

É triste dizer. E isso, em certo sentido, causou a formação de outros grupos que são mais centrados na Bíblia. Mas o movimento ecumênico hoje não é o que pretendia ser, não é o que era quando foi fundado.

Apenas uma rápida ilustração da minha própria vida. Em 1960, eu ainda estava no ensino médio. Só comecei a faculdade em 1961.

E recebi um telefonema um dia, e ele dizia, você quer ser um representante da sua denominação na North American Ecumenical Youth Assembly em Ann Arbor, Michigan? Bem, primeiro de tudo, eu não sabia o que a palavra ecumênico significava, então eu tive que ir e descobrir isso — a North American Ecumenical Youth Assembly em Ann Arbor, Michigan. E então, eu fui e descobri o que ecumênico significa e assim por diante.

Imaginei uma viagem para Ann Arbor, Michigan. Eu estava no último ano do ensino médio. Isso seria bem legal.

Então, eu disse sim. Então eu fui. Fiz as malas e ficamos lá por cerca de uma semana em Ann Arbor, Michigan.

Bem, devo dizer que foi uma experiência muito interessante porque foi uma... Naquela época, o movimento ecumênico havia se expandido para incluir católicos, ortodoxos e assim por diante. Mas como uma criança que cresceu na minha denominação, essa é praticamente a única denominação que eu conhecia. Isso pode não ser verdade para vocês, pessoal.

Talvez você tenha crescido com muitas denominações diferentes, e talvez você tenha uma visão mais ampla do que eu tinha na minha época. Mas como uma criança crescendo na minha própria denominação, foi meio interessante conhecer... O que eu sabia? Havia católicos, presbiterianos, metodistas, católicos romanos e pessoas ortodoxas orientais. Eu nunca tinha ouvido falar da maioria dessas pessoas.

Foi uma experiência fascinante. E eu tenho que dizer, a North American Ecumenical Youth Assembly, apesar do fato de que o movimento ecumênico estava meio que à deriva em 1960. Mas eu tenho que dizer que fiquei bem inspirado ao ouvir alguns grandes sermões, alguns sermões bíblicos, sermões realmente maravilhosos, e assim por diante.

Tínhamos estudos bíblicos. Só que não tínhamos estudos bíblicos, apenas com nosso próprio grupinho. Mas no estudo bíblico, havia batistas, presbiterianos, congregacionais e assim por diante, o que eu achava meio fascinante.

Então, quando tive aquela experiência com o movimento ecumênico, foi meio interessante e, eu acho, uma experiência bem esclarecedora. Mas não é assim que o movimento ecumênico geralmente tem sido. No entanto, em termos de algo, um desenvolvimento teológico, o ecumenismo é importante lembrar.

Certo, então, primeiro, há o existencialismo e, segundo, o ecumenismo. Tenho que dar a vocês um intervalo de cinco segundos só para dar uma pausa aqui. Abençoados sejam seus corações.

Apenas pare aqui. Temos apenas um apóstata hoje. Estamos nos regozijando com isso.

Isso é uma coisa boa. Vamos dar uma palestra na quarta-feira. Estou em Baltimore na segunda-feira.

Próxima semana de folga. E então quando voltamos no primeiro dia, quando voltamos no primeiro e terceiro dia, mostramos um vídeo de Dietrich Bonhoeffer. É um vídeo muito bom chamado Memories and Perspectives.

Vou te dar uma pequena folha de estudo para que você saiba exatamente o que anotar. E então, na sexta-feira, é nossa primeira sessão de revisão para a final. Então, na quarta-feira, quando voltarmos, farei quatro perguntas sobre os textos.

Então, tente lembrar de fazer isso. Essas quatro perguntas vão te levar a partir de sexta-feira. Então, na segunda-feira seguinte, nós daremos uma palestra.

Então, na quarta-feira, teremos nosso tempo de estudo final juntos dos textos. Então, se você me der quatro perguntas naquela quarta-feira, isso cobrirá tanto a sexta-feira quanto a quarta-feira. Então, restam cinco sessões quando retornarmos.

É isso que você tem. Então, assim que terminarmos a palestra na sexta-feira, eu vou embora daqui e vou para Baltimore. Então, espero que você tenha um ótimo Dia de Ação de Graças.

Mas eu vou mencionar isso na sexta-feira. Você está descansado, ok? E tudo. Tudo bem.

Vamos apenas mencionar aqui, não apenas mencionar, mas precisamos falar sobre Dietrich Bonhoeffer. E vou mencionar apenas algumas coisas sobre o contexto. E a coisa mais importante é sobre sua teologia.

Bonhoeffer foi uma dessas pessoas que ajudaram a preparar o cenário para a teologia junto com Karl Barth, seu mentor, e tudo mais. Então, vamos mencionar Bonhoeffer. Aqui estão suas datas, 1906, 1945.

E aqui estão algumas fotos de Dietrich Bonhoeffer. Aqui está uma foto anterior de Bonhoeffer. Aqui está a última foto tirada de Bonhoeffer na prisão de Tegel.

Tenho essa foto pendurada sobre minha mesa no meu escritório. Então, deixe-me dizer algo rápido sobre seu passado. E então passaremos para sua teologia.

Vamos ver o contexto, as memórias e as perspectivas. Então, não vamos falar muito aqui. Só para dizer que Dietrich Bonhoeffer, nascido em 1906 na Alemanha, Dietrich Bonhoeffer nasceu, como você verá na fita e no vídeo, em uma família alemã muito rica, abastada e estabelecida.

E isso vai ser muito importante para a vida dele. Ele viveu uma vida privilegiada, para dizer o mínimo. O pai dele era um dos psiquiatras mais conhecidos da Alemanha na época e assim por diante.

Então ele viveu uma vida muito, muito privilegiada. E então veio a ascensão de Hitler. E Bonhoeffer, porque ele tinha treinamento universitário, seria o líder de uma igreja subterrânea chamada Igreja Confessante, ou um dos líderes, eu diria.

Houve outros. Bonhoeffer seria um dos líderes da Igreja Confessante porque Hitler havia nazificado a Igreja Luterana. A Igreja Luterana havia jurado lealdade a Hitler.

E então havia pastores na Alemanha que se autodenominavam Pastores Confessantes, e eles se recusavam a jurar lealdade a Hitler ou a qualquer totalitário. Já mencionamos a Declaração de Barmen aqui. Bem, Dietrich Bonhoeffer se tornaria um líder naquele movimento.

Também deveríamos mencionar, por causa de seu histórico, e você verá isso novamente na segunda-feira que retornarmos, também deveríamos mencionar que ele era um pastor, ele era um teólogo, e ele estava bem convencido do pacifismo. Você verá isso na fita. Pacifista bem convicto.

Agora, eu não diria que ele era um pacifista de carteirinha, mas ele estava bem convencido de que o caminho a seguir para o cristianismo no século XX era o pacifismo. É interessante que, como pastor, teólogo e pacifista, ele tenha se envolvido em uma conspiração para assassinar Hitler. E você se pergunta como um

pastor, um teólogo e um pacifista puderam se envolver em uma conspiração para assassinar Hitler.

E, claro, a razão para isso é porque ele finalmente chegou a um ponto em sua vida em que percebeu que o regime nazista não era um governo ordenado por Deus. Ele havia ultrapassado seus limites do que um governo deveria fazer. Então, não era mais um governo legítimo.

E ele sentiu que tínhamos que derrubar Hitler se quiséssemos preservar a civilização ocidental. E então ele se envolveu em uma conspiração para assassinar Hitler, pelo qual foi preso e encarcerado em dois lugares diferentes. E então este é o primeiro lugar, a Prisão de Tegel.

Ou não, este é um dos segundos lugares, a Prisão de Tegel. Mas, de qualquer forma, ele foi preso e levado para a prisão. E então, em 9 de abril de 1945, Bonhoeffer foi enforcado pela Gestapo.

Então ele viveu muito, o final foi muito difícil para Dietrich Bonhoeffer, pois ele foi enforcado, obviamente. No meio de sua vida, ele cresceu luterano. E ele era um bom luterano no sentido de que havia devoções em casa e assim por diante.

Mas ele não era particularmente, e a família não era uma família que frequentava a igreja. Mas meio que no começo da vida, na adolescência, Bonhoeffer decidiu com a mãe que eles começariam a frequentar a igreja regularmente, o que eles fizeram. Começaram a frequentar a igreja luterana local com muita regularidade.

E então ele decidiu que queria estudar teologia. E essa era uma estrada bem , bem diferente para ele tomar do que a família queria que ele fizesse. Porque todos na família cursavam medicina ou direito, mas teologia, sabe, e ele decidiu que queria estudar teologia.

E então ele se tornou o que se tornou como um dos grandes teólogos do século XX, embora fosse tão jovem quando morreu. Um de seus mentores, é claro, foi Karl Barth. Então, isso é um pouco sobre o histórico de Dietrich Bonhoeffer.

Vamos ver isso em Memories and Perspectives ao longo de alguns dias. O vídeo leva quase dois períodos de aula para ser exibido. E farei algumas referências à vida dele enquanto vemos o vídeo e darei a vocês apenas algumas notas para anotar.

Mas vamos para o número dois, sua teologia. E a teologia de Dietrich Bonhoeffer? Então, bem, vou mencionar cinco coisas em termos de sua teologia. Número um, começaremos com sua eclesiologia.

Começaremos com sua doutrina da igreja. Isso foi muito importante para Dietrich Bonhoeffer, a doutrina da igreja. Uma das primeiras coisas que ele escreveu foi sobre a doutrina da igreja.

Basicamente, ele analisou a igreja não apenas de uma perspectiva teológica, mas também de uma perspectiva sociológica. E uma das palavras que ele usa aqui é que você tem que ver a importância da igreja na comunidade. A igreja é uma comunidade.

Então, é quase uma análise sociológica quando ele usa a palavra comunidade. Mas a igreja, em certo sentido, é a comunidade que está acima do indivíduo. Porque o que ele viu em meados do século XX quando estava analisando tudo isso? Na Europa Ocidental, ele viu um tipo de vida muito individualizado.

Ele queria que as pessoas entendessem a igreja não apenas como um grupo de indivíduos se reunindo, mas como uma comunidade de pessoas cuidando umas das outras. Ok, e você conhece minha fala porque eu já disse isso em muitas aulas. O cristianismo é uma religião muito pessoal, mas nunca é uma religião privada.

E Dietrich Bonhoeffer nos lembra disso. O cristianismo é muito pessoal, mas nunca é privado. Não somos apenas Jesus e eu no meu próprio quarto com minha Bíblia, folheando minha Bíblia, tentando entender o que Deus quer na minha vida.

Tudo bem fazer isso, mas você tem que trazer todo esse entendimento para o corpo de Cristo, para a igreja, para a comunidade. Então, a comunidade era muito importante. Certo, o relacionamento da igreja com a Palavra.

Dietrich Bonhoeffer disse em termos de eclesiologia, estar na igreja é estar na Palavra de Deus. E estar na Palavra de Deus é estar na igreja. Essas duas coisas são inseparáveis uma da outra.

Você não pode ter um sem o outro. E então isso se torna muito importante. Além disso, em termos do mundo, da igreja e do mundo, a igreja nunca deve ser uma comunidade monástica separada do mundo.

A igreja é chamada para uma ação responsável dentro do mundo, e nos sofrimentos do mundo. Agora, essa é uma lição que veremos na fita. Essa é uma lição que Dietrich Bonhoeffer aprendeu quando veio estudar aqui na América.

Quando ele veio estudar na América, um de seus amigos era um homem chamado Franklin Fisher. Ele era um cristão negro do Harlem. Ele levou Bonhoeffer para sua igreja negra no Harlem, a Abyssinian Baptist Church, e ele aprendeu muito sobre os sofrimentos da comunidade negra na América.

Ele começou a se perguntar se a igreja deveria estar ciente desses sofrimentos. Como a igreja pode se destacar desse mundo sofredor? E então, quando ele voltou para a Europa depois daquele tempo, e os nazistas chegaram ao poder, ele disse a si mesmo, quem são as pessoas sofredoras no meu mundo? Eles são os judeus. Os judeus são aqueles que estão sofrendo.

Como a igreja pode se destacar da comunidade judaica? A igreja deveria estar sofrendo com a comunidade judaica. A igreja deveria ser parte disso. Então a igreja no mundo é muito, muito importante.

Certo, e então como membros da igreja, eclesiologia, somos membros da igreja. Como vivemos como membros da igreja? Você tem duas escolhas. Você pode viver vidas de graça barata, e graça barata seria apenas ir à igreja e não fazer sacrifícios e ver Jesus talvez como um bom homem, e, você sabe, a igreja não significa muito para você. Isso é graça barata.

Então, você pode viver uma vida de graça barata se quiser, mas não se chame de cristão se fizer isso. Ou você pode viver uma vida de graça custosa, e graça custosa é levar a palavra de Deus a sério e todas as demandas de Cristo em sua vida a sério, discipulado. Isso é graça custosa.

Então, você tem sua escolha. É graça barata ou graça custosa? Aqui está o livro dele chamado *The Cost of Discipleship*. Enquanto falo sobre isso, bem rápido, quantos de vocês leram *The Cost of Discipleship*? Vamos colocar as mãos em um, dois, três, quatro. Ok, ok.

Lista de leitura de verão. Anote agora mesmo. *Cost of Discipleship*.

É uma leitura obrigatória em termos de literatura cristã. É um dos grandes, sabia? Bem, como ele começa *The Cost of Discipleship*? A graça barata é o inimigo mortal da nossa igreja.

Estamos lutando hoje por uma graça custosa. Então, a graça barata é o inimigo mortal da nossa igreja. Estamos lutando hoje por uma graça custosa.

Então, na primeira frase de *Cost of Discipleship*, ele dá o grito de guerra, sabe. Pelo que estamos lutando aqui? É isso que ele quer saber. Então, a eclesiologia é muito, muito importante para Dietrich Bonhoeffer, a igreja como uma comunidade, e como devemos agir como uma comunidade.

Temos outras coisas para Bonhoeffer em termos de teologia, e temos mais dois dias. Então, estou bem no alvo aqui, então estamos indo bem. Certo, tenham um bom dia.

Vejo você na sexta. Daremos uma palestra na sexta. Vamos pressionar você na sexta, e então você terá uma semana inteira de férias de Ação de Graças.

Este é o Dr. Roger Green em seu curso de história da igreja, Reformation to the Present. Esta é a sessão 25 sobre Existencialismo.